

RESENHAS

ROWLAND, Tracey. *A fé de Ratzinger – a teologia do Papa Bento XVI*. Campinas–São Paulo: CEDET-IBFC Raimundo Lúlio. 2013. 279p.

Recebido em 25/01/2014 - Aprovado em 20/02/2014

Edison Minami¹

Pouco após a renúncia de Bento XVI do papado romano foi publicado o livro da teóloga australiana Tracey Rowland. Rowland é australiana e representa uma teologia nascida longe dos centros do saber ocidental. Na orelha do livro aparecem diversas informações sobre sua atuação: decana do *Inst. João Paulo II para o matrimônio e a família* (Melbourne, Austrália), membro permanente do *Instituto de Filosofia Política e Teologia Continental*, do Centro de Teologia e Filosofia na Univ. de Nottingham, membro honorário do *Campion College* (Sydney) e Professora Adjunta do *Centro Fé, Ética e Sociedade* da Univ. Notre Dame (Sydney, Austrália). Esses dados nos permitem traçar uma imagem de sua formação intelectual e visão de mundo.

A autora propôs-se a mapear as linhas de força do pontificado de Bento XVI. Surpreendente é a densidade do texto. Rowland demonstra um profundo conhecimento do pensamento de Bento XVI e de seus adversários. Também demonstra que Bento XVI sugeriu em seus pronunciamentos o que hoje é a catequese do Papa Francisco.

O livro se divide em nove partes: introdução; capítulo um onde ela situa o pensamento do Papa Emérito dentro do debate teológico; capítulo 2º onde refaz a leitura da *Gaudium et spes*; no capítulo 3º da *Dei verbum*; da encíclica *Deus caritas est* no capítulo 4º; da *Lumen gentium* no capítulo 5º; do papel da Igreja frente à modernidade no capítulo 6º; da reforma litúrgica no capítulo 7º; e por fim a conclusão. De todos os capítulos sem dúvida os capítulos I e VI são os mais densos, pois tratam diretamente do pensamento teológico de Bento XVI e como ele se insere no debate teológico e filosófico contemporâneo.

Na Introdução Rowland apresenta o mote de suas reflexões: Bento XVI iluminou todos os assuntos que abordou em sua catequese. Aqui ela destaca três pontos: o equilíbrio entre a fé e a razão científica, o diálogo da Igreja com o mundo

¹ Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1997), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2010). Email: ediminami@gmail.com

contemporâneo, e a identidade da teologia como disciplina independente frente às outras ciências humanas:

Para Ratzinger, fé e razão, teologia e filosofia, estão relacionadas simbioticamente e não extrinsecamente. A fé sem a razão termina em fideísmo, mas a razão sem fé acaba em niilismo. Para Ratzinger, a ‘razão pura’, ao estilo de Immanuel Kant, simplesmente não existe. (ROWLAND, 2013. p. 25)

No capítulo 1º Rowland procurou mapear o clima teológico dos últimos cinquenta anos, procurando na medida do possível situar o pensamento de Bento XVI entre os diversos pensadores. A obra apresenta ao leigo em teologia o pensamento dos rivais de Bento XVI. Por exemplo, as correntes teológicas atuantes durante o Vaticano II: os neotomistas, o *ressourcement* francês (Henri de Lubac, Jean Daniélou), e os tomistas transcendentais alemães e belgas (Karl Rahner). Rowland salienta que o Papa Emérito não se encaixa perfeitamente em nenhuma dessas escolas.

No capítulo 2 Rowland adentra a seguinte questão: como Bento XVI analisa o documento *Gaudium et spes*? Segundo a autora apesar das mudanças de interpretação impostas pelo desenvolvimento teológico para o Papa não teria havido ruptura entre o antes e o depois do concílio, debate que atravessou o *Ano da Fé* (2012-2013). De um modo geral os documentos conciliares são interpretados conforme as ideologias adotadas pelos seus leitores.

Para Rowland existem cinco linhas de interpretação da constituição: 1) *Gaudium et spes* quer acomodar o catolicismo à modernidade, sendo a modernidade em si uma coisa boa; (Visão liberal); 2) *Gaudium et spes* apenas quer acomodar o catolicismo a modernidade, sendo a modernidade em si considerada uma coisa boa, independentemente se essa modernidade contradiga a verdadeira mensagem do Evangelho ou não; (Visão integrista ou tradicionalista); 3) *Gaudium et spes* foi uma declaração incompleta, pois não colocou o cristão como agente de transformação social, sendo que a constituição estaria impregnada de otimismo pequeno burguês; (Visão da *Teologia da Libertação*); 4) *Gaudium et spes* falhou em propor uma modernização do catolicismo; 5) *Gaudium et spes* na leitura do Papa Emérito Bento XVI.

Para Rowland, na visão de Bento XVI “*Gaudium et spes* nunca teve a intenção de ser uma chamada para acomodar a fé católica à cultura da modernidade”, e, apesar de compreender a preocupação dos integristas “não aceitaria a afirmação de que o Concílio, por si mesmo, foi uma má idéia”. Bento XVI, apesar de concordar que a visão europeizante e liberal de *Gaudium et spes* seja um limitador, “não apoiaria nenhuma teoria derivada do marxismo a respeito das etapas progressivas da história humana”. Rowland entende que o Papa Emérito reflete a partir da independência do pensamento teológico, livre da dependência das ciências humanas e de seus conceitos que, apesar de abrangentes, não totalizam o pensamento cristão. A autora afirma que para o Papa Emérito: “(...) não é tarefa de clérigos e acadêmicos recriar a narrativa [bíblica] cada vez

que ocorre um tremor importante no ambiente dos estudiosos do mundo”. (ROWLAND, 2013. p.74-75)

No capítulo 3º Rowland aborda a questão das tradições na Igreja Católica. Para a autora, Bento XVI procura revalorizar as Tradições dentro do catolicismo mas a partir de um critério objetivo: “(...) as tradições necessitam de uma constante purificação e de um espaço necessário para um desenvolvimento orgânico”. (ROWLAND, 2013. p. 98-99)

No capítulo 4º, Rowland analisa a encíclica *Deus caritas est*. Na sua leitura Bento XVI procurou demonstrar que o catolicismo precisa superar a visão moralista da sexualidade, purificando-o de uma visão distorcida que vê na atividade sexual apenas a finalidade procriativa. Para a autora Bento XVI vê harmonia nas duas características do amor humano, o erótico e a entrega. Polemizando com Nietzsche e toda a psicanálise de inspiração freudiana, Rowland argumenta que a sexualidade humana não pode descartar o aspecto espiritual em detrimento do carnal:

Se, na tradição de Nietzsche, toda experiência é um bem em si mesma, então o Papa Bento XVI pode responder que, dentre outras coisas, a postura nietzschiana da *sola erótica* funciona de modo a reduzir a variedade das possíveis experiências humanas. (ROWLAND, 2013. p. 108).

No capítulo 5º Rowland aborda a questão da unidade da Igreja em dois aspectos essenciais: a estrutura hierárquica e o ecumenismo:

(...) Ratzinger tem afirmado que os católicos não podem exigir que todas as outras Igrejas sejam extintas e que seus membros se incorporem individualmente à Igreja Católica. Não obstante, os católicos podem esperar que chegue a hora na qual ‘as igrejas’ que existem fora ‘da Igreja’ se incorporem na sua unidade. Elas devem continuar existindo como *igrejas*, porém com as modificações que tal unidade necessariamente requer”. (ROWLAND, 2013. p. 140).

No capítulo 6º Rowland aborda um dos pontos mais nevrálgicos do seu livro: as relações entre fé e razão filosófica. Para Rowland, Bento XVI vê um ambiente político no início do séc. XXI caracterizado pelo relativismo, que substituiu a moral privada, mas que insiste em usar as noções de *Verdade e Liberdade do Iluminismo*, que substituem a moral pública. Em contraponto, concepções da dignidade humana que vão contra a concepção cristã do homem, algumas delas provindas do *Romantismo*. Aparecem, assim, uma série de opiniões diferentes, que muitas vezes chegam a transformar-se nos valores típicos de uma determinada sociedade. São as diferentes culturas da modernidade e da pós-modernidade. Essas são as culturas que a Igreja e todos nós encontramos hoje. Em contraponto a essa realidade, Rowland entende que o Papa propõe uma mudança na visão que temos hoje da modernidade. O resultado final é que a Igreja tem de se defrontar com o argumento de que a cultura do Iluminismo é constitutiva da identidade da Igreja somente na Europa e nos países do mundo ocidental em geral. Na leitura de Rowland o mundo atual entende

que diferentes culturas religiosas podem coexistir com seus respectivos direitos somente sob a condição e até o grau no qual elas respeitem os critérios da cultura do Iluminismo. Segundo Rowland Bento XVI salientou com veemência que a cristandade não se pode submeter a essa marginalização. A Igreja tem de se apresentar com uma legitimidade pública superior à civil, mas dentro de um regime político de tolerância religiosa (*Dignitatis humanae*). A prática religiosa não pode ser coagida, mas livre. Não existe um governo civil teologicamente neutro, que é o bem que a tradição liberal pretende oferecer.

No capítulo 7º Rowland trata de um dos temas caros ao Papa Emérito: a renovação da liturgia, conforme expresso no documento *Sacrosanctum concilium* do Vaticano II. Segundo a autora, Bento XVI desejava uma retomada da missa em latim como forma de expressão da universalidade do catolicismo, e não como uma imposição lingüística de uma Igreja centralista e pouco afeita às diversidades. Para Rowland essa leitura é muito superficial. Nas suas próprias palavras:

(...) Ratzinger tem recomendado expressamente o uso do latim para liturgias de grande porte, tais como aquelas associadas com eventos papais. O exemplo mais claro seria o das Missas das Jornadas Mundiais da Juventude, que são assistidas por milhões de peregrinos de todo o mundo. Enquanto as leituras, a oração dos fieis, e a homilia seriam feitas na língua vernácula do país que é o anfitrião do evento, recomenda-se o uso do latim para as outras partes da Missa, como um modo de transcender todas as divisões lingüísticas com a única língua litúrgica universal. (ROWLAND, 2013. p. 179)

Conclusão

Nossa viagem pelo pensamento de um dos últimos grandes teólogos do século XX, e peritos do Vaticano II terminou. Mas, ficamos com a impressão de que sua vida e obra ainda não terminaram. Após a leitura do livro de Rowland ficamos com a impressão de que Bento XVI era um incompreendido, pois na opinião da autora, o pensamento de Bento XVI estava além do entendimento de seus críticos. O episódio do discurso na Universidade de Ratisbona na Alemanha em 2006 (reproduzido no livro no Anexo II) quando Bento XVI apresentou uma forma racional de se detectar a religião verdadeira em contraponto aos fundamentalismos cristão e islâmico (o que lhe valeu críticas tanto no mundo oriental quanto ocidental) demonstram o quanto seu pensamento por vezes é de difícil absorção.

O leitor não católico e não cristão certamente se perguntará, ao fim de nossas breves reflexões, se o esforço de compreensão, aproximação e proposta de mudança para o mundo moderno empreendido pelo Papa Bento XVI dará frutos. Quando vemos o atual Papa Francisco refletir sobre o mundo atual, suas mazelas e discrepâncias, e comparamos com as falas de Bento XVI, sentirmos certo *dejá vu*. A diferença é que Bento XVI ensinava e esperava que os cristãos vivessem os seus ensinamentos. Francisco resolveu primeiro viver os ensinamentos para que nós os seguissemos. Envolvidos na fumaça do tempo presente, na *curta duração* no dizer de Fernand Braudel, o exemplo do

atual mandatário romano é muito mais eficiente, simpático e duradouro. O de Bento XVI parece correr o risco de ser esquecido no emaranhado de acusações, críticas e erros que parecem ter moldado nosso entendimento desse papado relativamente curto e tumultuado.

Mas como o historiador é filho do seu tempo, é preciso esperar a poeira baixar para daqui anos ganharmos a visão de conjunto deste que certamente foi um dos últimos papas intelectuais a ocupar o trono de São Pedro Apóstolo.